

## UMA EXPERIÊNCIA EM EDUCAÇÃO: APOSTANDO NO CARÁTER ENATIVO DE METODOLOGIAS DE PESQUISA

Maria Elizabeth Barros de Barros<sup>1</sup>

### RESUMO

O artigo apresenta os desafios colocados pela temática saúde do trabalhador de uma rede municipal de ensino do sudeste brasileiro, considerando sua importância indiscutível para o campo da educação hoje. Parte de uma experiência vivida no município da Serra na Região da Grande Vitória no Espírito Santo e dos desafios na construção de uma política educacional que se faz em um movimento incessante de encontros, desafios, confrontos, debates de interesses que necessariamente constituem a construção de uma política pública. A pesquisa intervenção realizada visou a construir uma política de educação no referido município para o enfrentamento das adversidades advindas do chão da escola. Com esse objetivo buscou a implantação de dispositivos como as COSATEs (Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação) visando ativar um processo de lutas por melhores condições de trabalho e, principalmente, fortalecer a construção de um ofício por meio de uma estratégia coletiva de análise do trabalho. O caráter enativo da metodologia utilizada viabilizou a produção de um plano comum entre os trabalhadores de educação.

**Palavras chave:** atividade docente; escola; políticas públicas

### ABSTRACT

The article presents the challenges posed by the health worker theme of a municipal education network in Southeastern Brazil, considering its undisputed importance for the field of education today. It is part of an experience lived in the municipality of Serra in the Region of Grande Vitória in Espírito Santo and the challenges in the construction of an educational policy that is made in an incessant movement of encounters, challenges, confrontations, debates of interests that necessarily constitute the construction of a public policy. The research intervention carried out aimed at constructing an education policy in the said municipality to cope with the adversities arising from the school floor. With this objective, it sought the implantation of devices such as the COSATEs (Health Workers' Commissions of Education) to activate a process of struggle for better working conditions and, mainly, to strengthen the construction of a trade through a collective strategy of analysis of the job. The energetic nature of the methodology used enabled the production of a common plan among education workers.

**Keywords:** teaching activity; school; public policy

Recebido em 31 de março de 2019, aceito em 11 de junho de 2019.

---

<sup>1</sup> Pós-doutorado em Saúde Pública pela ENSP/Fiocruz. Doutora em Educação (UFRJ). Professora do Departamento de Psicologia (UFES). [betebarros@uol.com.br](mailto:betebarros@uol.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o adoecimento de professores e professoras e a violência sofrida nas escolas por esses trabalhadores e trabalhadoras tem sido recorrente tema de debate nos mais diversos setores da população brasileira. As mídias destacam a situação dos educadores/as em meio às mazelas do ensino público no país.

Este texto se construiu, então, diante dos desafios colocados por essa temática, considerando sua importância indiscutível para o campo da educação hoje. Foi escrito e composto, a partir de uma experiência vivida no município da Serra na Região da Grande Vitória no Espírito Santo. Muitas histórias o atravessam e o compõem em um movimento incessante de encontros, desafios, confrontos, debates de interesses que necessariamente constituem a construção de uma política pública. Nossa aposta nas pesquisas que realizamos visa a construir, com esses atores, uma política de educação no referido município para o enfrentamento dessas adversidades. As histórias dessa construção são emaranhados de linhas que tecem redes, desenham mapas.

Podemos entrar nessas histórias por várias vias. Aqui, optamos partir dos recorrentes enunciados da Secretaria de Educação da cidade de Serra (ES) registrados no diário de campo da pesquisa (2014).

*O índice de absenteísmo entre professores tem aumentado assustadoramente no município da Serra. . . .*

*Os professores chegam às escolas saudáveis, de repente a gente vai sentindo que vão ficando debilitados, até chegarem ao ponto crítico de pedir licença.*

*Coloca aí. Coloca aí na sua pesquisa que a doença começa na sala dos professores.*

*Há muitas fofocas.*

*A Sedu pauta o aumento dos gastos com professores substitutos devido ao índice de licenças médicas. O interesse em abrir uma agenda de reuniões com a Universidade visa minimizar esse quadro. Diretores de escola reivindicam que “algo seja feito com os professores diante dos inúmeros atestados médicos apresentados”. Querem soluções para acabar com o problema do absenteísmo..., mas a saúde como problemática ainda tende ao silêncio nos debates da rede municipal de ensino.*

*A ausência da sistematização dos registros referentes ao adoecimento dos trabalhadores é um fato... conseguem nexos com o local de trabalho apenas alguns poucos casos de doença. É importante fazer um serviço integrado com outros setores e secretarias para visar à prevenção* (Técnico da Prefeitura da Serra, 2014).

Esses fragmentos compõem o diário de campo da pesquisa intitulada *Programa de Formação e Investigação em Saúde e Trabalho* (PFIST), realizada por um grupo da Universidade Federal do Espírito Santo – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Políticas (NEPESP) –, e expressam preocupação com o que acontece nas escolas dessa rede municipal de ensino. Tais enunciados abrem um campo problemático constituído por uma dimensão político-institucional que conduziu o referido processo investigativo: transformar a realidade para conhecê-la. Foi por essa via que fizemos nossas escolhas e fomos construindo um caminho – um método – que partiu de uma encomenda endereçada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) por trabalhadores e trabalhadoras da educação do município em tela.

A partir desse endereçamento, os pesquisadores do NEPESP lançaram-se à construção de ferramentas metodológicas para o manejo de uma micropolítica da gestão dos processos de trabalho nas escolas, a partir da implantação de Comissões de Saúde do Trabalhador no município de Serra. Tais comissões se constituem como uma estratégia da Rede Nacional de Atenção Integral à Saúde do Trabalhador (RENAST), que é um dispositivo da Política de Saúde do Trabalhador do Sistema Único de Saúde (SUS).

A RENAST é uma rede desenvolvida de forma articulada entre o Ministério da Saúde e as secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. Tem como estratégia a atenção integral à saúde dos trabalhadores. Seu propósito é articular ações de promoção, prevenção e recuperação da saúde dos trabalhadores, independentemente do vínculo empregatício e tipo de inserção no mercado de trabalho, de forma regionalizada e hierarquizada. Está pautada no que é preconizado no art. 200 da Constituição Federal, segundo o qual compete ao SUS, além de outras atribuições, “executar as ações de vigilância sanitária e epidemiológica, bem como as de saúde do trabalhador e colaborar na proteção do meio ambiente, nele compreendido o do trabalho” (Constituição da República Federativa do Brasil, 1988).

A **Comissão Local de Saúde do Trabalhador (CLST)** é, portanto, uma área do SUS que, conforme o texto legal, tem como objetivo a prevenção de acidentes e doenças decorrentes do trabalho, de modo a tornar o trabalho como promoção da saúde do trabalhador. Sua atuação é definida nas Normas Regulamentadoras (NRs) do Ministério do Trabalho e Emprego, no Brasil. As CLSTs têm seu funcionamento norteado principalmente pela Norma Operacional Básica de Recursos Humanos do SUS (NOB/RH/SUS), fazendo uso das NRs quando a primeira for omissa ou vaga. Essas comissões devem se constituir por unidade de trabalho e funcionar de acordo com dispositivos legais a serem definidos nos territórios onde irão se efetivar.

Pautada nessas diretrizes constitucionais do SUS, decidimos realizar uma pesquisa-intervenção, perspectivando instituir tais comissões por escolas na rede municipal de ensino da Serra (ES), que, nesta pesquisa, nomeamos Comissões de Saúde do Trabalhador da Educação (COSATEs). Em nosso entendimento, não bastava a disposição legal sobre essas comissões para que uma efetiva intervenção pudesse ser operada nas escolas. Era preciso definir a direção ético-político-metodológica a partir das quais as CLSTs iriam se constituir. Foi assim que decidimos trabalhar com o conceito de Comunidades Ampliadas de Pesquisa (CAPs), que teve como inspiração metodológica a concepção de Oddone e colaboradores, que denominaram essa metodologia de Comunidades Científicas Alargadas (CCAs) (ODONNE, RE e BRIANTE, 1981).

Com esse objetivo, foi deslanchado um processo de formação dos trabalhadores e trabalhadoras para o exercício dessa análise. As comunidades se desenvolveriam nas escolas, de forma a pôr em sinergia os saberes da experiência dos educadores/as com os saberes acadêmicos disciplinares para pensar as questões de saúde. No Brasil, essa estratégia foi nomeada Comunidade Ampliada de Pesquisa (CAP), objetivando afirmar que não se trata de transformar trabalhadores em cientistas profissionais, e o processo de produção de conhecimento não se pautaria em uma perspectiva cientificista (BRITO e ATHAYDE, 2003; BOTECHIA e ATHAYDE, 2008; MUNIZ, BRITO, SOUZA, ATHAYDE, e LACOMBLEZ, 2013). Prioriza-se a análise da organização do trabalho e, então, a problematização dos efeitos na saúde dos trabalhadores/as a partir do modo como a escola se organiza.

Os processos de trabalho são, dessa forma, considerados a partir da potência de agir dos trabalhadores/as, que tem uma dimensão ontológica, histórica e pessoal. As CAPs seriam uma estratégia para o exercício coletivo de análise da atividade docente, para o incremento do debate sobre a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras e para a articulação de um fórum intersetorial<sup>2</sup> como dispositivo de análise.

Segundo Barros, Brito e Muniz (2018), é preciso destacar que tal direção de análise entende que há uma relação estreita entre os modelos de gerenciamento das escolas e os modos de gestão experimentados no cotidiano dos espaços laborais, com impacto na saúde dos/as educadores/as. Os autores destacam uma distinção entre o que se chama gerenciamento, como função dos secretários, diretores e chefias, e a *gestão* realizada pelos trabalhadores/as, independentemente de funções burocráticas, que se faz atuante no cotidiano, nas relações impressas pelos/as trabalhadores/as que fazem gestão das variabilidades constitutivas dos processos de trabalho. Gestão, portanto, conectada à ação e à tensão em jogo durante o desenvolvimento da atividade.

Partimos, assim, de um pressuposto ético: os mundos do trabalho no campo da educação estão imersos em um jogo inconcluso de desmanchamento e criação de práticas. Essa visada ético-político-metodológica invoca uma postura de produção de conhecimento que considera a pesquisa como uma produção que se processualiza em meio aos acontecimentos do campo empírico em que a investigação se efetiva. Tal caminho afirma a dimensão interventiva e criadora de uma pesquisa, indagando os modelos pautados na representação, fazendo colapsar determinados modos historicamente instituídos que criam impedimentos aos processos de singularização, que indagam os modelos instituídos e hegemônicos de pesquisar. Interessa-nos a feitura das práticas educativas moventes, que apontam na direção da invenção do viver, do próprio pensamento, portanto, conjugado às mudanças concretas do cotidiano da educação pública.

Nesse sentido, Lazzarotto (2012, p. 99) nos indicam algumas pistas importantes:

Para experimentar vista-se de não senso. Abandone a cronologia e habite o tempo que flui no movimento de pensar. Opte por seguir pelas passagens de novos sentidos e faça do absurdo a matéria do pensamento. Crie palavras

---

<sup>2</sup> Sobre essa dimensão intersetorial, a partir de um fórum para análise dos processos do trabalho nas escolas, falaremos em outro momento do texto.

para acolher os afetos que se produzem neste percurso. Deixe o método, a explicação e a interpretação desamparados.

Abandonar a cronologia, habitar um tempo do pensamento e desamparar metodologias que buscam aprisionar o movimento do pensamento foram nossa escolha. Tal ethos nos conduziu à construção de instrumentos, ferramentas e procedimentos de acordo com o que o campo ia solicitando. Ao tomar o trabalho em educação como atividade, lançamo-nos a uma aposta metodológica segundo a qual a pesquisa e a intervenção não se separam. Retomamos a máxima socioanalítica: não conhecer para transformar, mas transformar para conhecer a realidade. Investigar a experiência em sua potência ontogenética de criação e modificação da realidade requer desafiar o pensamento a superar o modelo da representação e apostar no caráter enativo da produção de conhecimento.

O conceito de enação, proposto por Francisco Varela (1989), designa as dimensões de autonomia e de interdependência entre o agir e o perceber, o que nos conduziu à proposta de uma “estratégia enativa” (EIRADO e PASSOS, 2009), de acordo com a qual conhecer não é representar a realidade de dado objeto, mas lançar-se em uma experiência de criação de si e do mundo. Varela (1991) nos indica a incompletude de uma atividade cognitiva que pretende revelar uma imagem que represente adequadamente um mundo exterior predeterminado ou que pretenda resolver

problemas bem definidos que implicam um mundo bem elaborado... A faculdade mais importante de qualquer cognição viva é precisamente, em larga medida, colocar as questões pertinentes que surgem a cada momento da nossa vida. Estas não são predefinidas mas en-agidas, nós fazemo-las emergir sobre um pano de fundo, sendo os critérios de pertinência ditados pelo nosso senso comum, sempre de maneira contextual (p. 72-73).

Nesse sentido, conhecer a experiência do trabalho dos educadores de Serra implicou um “trabalho” de pesquisa como escuta enativa da experiência do trabalho em educação, na qual há uma circularidade que nos permite pensar a dimensão criadora da pesquisa da atividade do trabalho docente. Investigar a atividade de trabalho dos educadores não significa buscar uma experiência oculta que o trabalhador detém, muito menos pensá-la como aquela que se realiza no desvelamento de um crime. Não visamos a explicitar algo no trabalhador. Não entendemos trabalhador e escolas como realidades predefinidas a serem conhecidas ou desveladas. Ao contrário, a diretriz da pesquisa do NEPEPSP implicou

afirmar que a experiência do investigar é ela mesma uma ação criadora da realidade, não servindo apenas como mediação ou acesso à experiência a ser desvelada.

Com o objetivo de instituir COSATEs nas escolas, consideramos que a análise do trabalho tem uma dimensão enativa, uma vez que a investigação oportuniza a criação da atividade por ela estudada. No diálogo entre a atividade de pesquisar e aquela a ser pesquisada, surge uma realidade que o conhecimento acolhe em sua especificidade. Assim, afirmar o “círculo criativo” (VARELA, 1994) da atividade de investigação não é recusar a recalcitrância do fenômeno estudado, embora tal recalcitrância não indique um domínio da realidade a priori a ser desvelado ou explicitado. Do diálogo brota o sentido que não deve ser entendido como uma criação voluntária ou espontânea da atividade de pesquisar, outrossim há uma performatividade da experiência que constitui um mundo comum ao pesquisador e ao pesquisado (EIRADO e PASSOS, 2009). É esse plano comum contínuo, que articula as experiências de quem investiga e do investigado, que privilegiamos.

Trilhando esse caminho, portanto, o método foi o resultado de uma construção conjunta com aqueles que fizeram a demanda de uma transformação no que era vivido nas escolas, uma intervenção na nocividade da organização do trabalho. Tal direção metodológica se efetivaria na medida em que todos os participantes se engajassem nas atividades de análise da situação vivida na rede de ensino do município de forma a se libertarem o mais possível de seus modos habituais de pensar e de falar de suas práticas. Aos pesquisadores da UFES coube oportunizar a criação de situações para que esse movimento se efetivasse e os participantes pudessem se liberar das formas de pensar usuais e, então, agir e pensar diferente, afirmando diferença.

Esse construtivismo não visa a regularidades a partir de hipóteses e variáveis controladas, mas às possibilidades de divergir, aos movimentos de inventividade do viver em um constante processo de diferenciação que se atualiza nas situações concretas de trabalho. Para isso foi necessário nos colocarmos no campo de outro modo e produzir os dados, pois, insistimos, não consideramos a existência de um mundo do trabalho que estaria aí pronto a ser descoberto (CLOT, 2008; BARROS e LOUZADA, 2009). Se assim entendemos, não se trata de coletar dados, e sim de realizar uma colheita de dados, de forma a enfatizar o aspecto de cultivo nas relações de interdependência entre aqueles que pesquisam e aqueles que são pesquisados, favorecendo a construção de um plano comum

da experiência do trabalho docente. Desse modo, o trabalhador, ou o saber da experiência por ele operado, é imprescindível na análise da atividade, que se coloca em interlocução com o saber acadêmico, formalizado (SCHWARTZ, 2003).

Esse processo se efetiva a partir dos princípios éticos propostos por Ivar Oddone e seu grupo de pesquisadores (ODDONE, RE, e BRIANTE, 1981; CLOT, 2008), ou seja, uma forma de coanálise do trabalho, praticada no ambiente habitual. A coanálise permite acessar processos de singularização que indicam outros possíveis. A ação coletiva dos profissionais nas COSATEs viabilizou o transformar para conhecer e não somente conhecer para transformar, uma vez que se visa a transformar e conhecer os vetores dessa atividade de forma a criar estratégias para a construção de metodologias de análise do trabalho de caráter enativo. Não perspectivamos retratar a pura realidade das escolas ou do trabalho dos educadores.

Essa metodologia se realizou propiciando o diálogo direto entre os diferentes participantes da análise e também o reposicionamento subjetivo dos participantes. Para atingir esse objetivo, foi construído um importante dispositivo: o fórum COSATE, sobre o qual falaremos neste texto.

As COSATEs poderiam se constituir como um importante dispositivo que viabilizaria o processo de coanálise, na medida em que perspectivam criar um espaço comum de análise do trabalho que conjura qualquer espécie de verticalismo. Essa operação metodológica se efetivaria na medida em que os trabalhadores/as fossem se engajando nas atividades de análise de sua situação no ambiente laboral por meio de tais comissões.

Dessa forma, algumas estratégias foram importantes para que esse ideário pudesse se efetivar. Em vez de cumprir apenas as formalidades de apresentação de um contrato de participação na pesquisa com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, realizamos um processo de contratação que, por definição, exigiu uma duração que permitisse contrair um “grupo sujeito” (GUATTARI, 2004) da atividade da pesquisa. Esse processo de contratação, que não se deu de forma imediata, mas demandou muita conversa, criou condições para realizarmos uma pesquisa participativa: vínculo de confiança, corresponsabilidade e protagonismo distribuído. O processo de contratação da pesquisa em tela se efetivou vislumbrando a formação de um coletivo ampliado de pesquisa ou, se preferimos, a constituição de um plano comum que foi se modulando ao longo do processo.

A contratação como contratação de um coletivo de trabalho foi condição para o acolhimento e o protagonismo dos participantes. A pesquisa se faria participativa na medida em que fosse possível a lateralização entre as diferentes posições de pesquisadores da academia e educadores da rede municipal, desordenando-se os lugares desses participantes. Os pesquisadores da universidade não se colocaram diante dos educadores para observá-los em sua atividade, mas procuraram acolher o olhar deles e olhar com eles para a atividade. Estar lado a lado pressupõe fazer o convite para a pesquisa e fazer da pesquisa um convite para o reposicionamento dos participantes. A contratação do coletivo da pesquisa envolveu a reiteração continuada desse convite nas ações de campo, traçando e retraçando o plano comum que demanda esse coletivo (BARROS, PASSOS e EIRADO, 2014).

Essa manobra metodológica permitiu tornar inseparáveis a atividade de análise e a atividade analisada, fazendo da pesquisa-intervenção não uma investigação sobre o trabalhador, e sim uma investigação com o trabalhador. O caráter participativo de uma pesquisa como intervenção inclui o participante na atividade de análise, o que habitualmente é prerrogativa do pesquisador, distinguindo-o e separando-o do chamado “seu objeto”. Trata-se, outrossim, de pensar que sujeito e objeto emergem no mesmo plano e de problematizar a relação produzida nesse movimento. Portanto, “não basta entregar-se à experiência, é preciso construir um modo de permanecer no processo em curso que solicita invenção” (LAZZAROTTO, 2012, p. 99) e construir um território de passagem.

Uma pesquisa intervenção parte de uma diretriz segundo a qual não se criam métodos para verificar hipóteses e generalizar um conhecimento em uma lógica experimentalista, isolando variáveis para controlá-las. A relação sujeito e objeto de pesquisa não tem caráter “neutro”, afirmamos o seu caráter de coemergência.

Tal método confere à pesquisa tanto seu caráter participativo como de intervenção, uma vez que se intervém na medida em que se transforma a realidade investigada, transformando-se o próprio percurso da pesquisa e os pesquisadores. Foi a partir da sinergia de pesquisadores da UFES e docentes da rede municipal que o processo foi se fazendo.

A proposta da implantação das COSATEs foi, assim, relançar o discurso no coletivo do trabalho e convocar o trabalhador a falar com seus pares acerca de como têm trabalhado. Esse compartilhamento do discurso torna o trabalho um objeto do pensamento. Aqui há um

deslocamento importante: o trabalhador sai da posição de que o trabalho é seu, considerando-o como nosso trabalho – trabalho que fazemos juntos. Trata-se de uma variação, uma abertura importante no ofício de educador, pois o método, ao permitir que se pense o próprio trabalho, faz aparecer uma dimensão histórica desse ofício pela análise da atividade que as comissões oportunizam. Essa abertura pode fazer vir à tona a experiência do labor como plano comum coletivo, não redutível ao “nós” do coletivo social e pessoal que, frequentemente, se expressa como “nossa equipe”.

Ao conversarem nas rodas sobre sua atividade, os/as educadores/as colocam em análise os modos de trabalhar e os efeitos produzidos pelas estratégias criadas, que são sempre expressão do plano comum coletivo. Logo, ao indagar formas muitas vezes sacralizadas de agir e pensar, ao verbalizar a atividade de trabalho, os educadores/as se deparam com a complexidade do que fazem, do que não fazem, e também com aquilo que poderiam fazer e deixaram de fazer, o que evidencia a transpessoalidade, a dimensão histórica da atividade. No diálogo nas comissões, um patrimônio do campo da educação se atualiza.

Os/as trabalhadores/as perceberam a importância de momentos como esses, de pausas no corrido cotidiano para pôr a atividade em análise, objetivando discutir o trabalho e trocar experiências. Uma desaceleração que oportunizava um exercício de pensamento, habitando o tempo que flui no movimento de pensar (LAZZAROTTO, 2012). Fazer pausa é quebrar os automatismos que tendem a isolar o trabalho de suas dimensões aquém e além da prescrição. Essa é a aposta das COSATEs: instituir encontros coletivos de análise da atividade escolar de forma a permitir o acesso ao processo de produção de si e do mundo do trabalho.

Daí a insuficiência do modelo da representação para pensar tal experiência. Por conseguinte, entendemos que a atividade do educador não pode ser estudada a partir de metodologias que privilegiam os princípios da representação de realidades tidas como dadas, uma vez que o cotidiano das escolas se apresenta como uma complexa rede que se tece no curso da atividade. O caráter enativo da pesquisa se afirma como uma diretriz quando consideramos o aspecto processual e inacabado da atividade de trabalho. A análise realizada vai na contramão de uma postura na qual o processo de conhecimento visa a prever, e prever para agir, o que se expressa no paradigma do conhecer para então

transformar. As metodologias de pesquisa pautadas na representação mostram-se ineficazes para acessar a experiência do labor, uma vez que esse acesso só se faz acompanhando o curso da atividade desenvolvida em situação de trabalho.

Ao percorrer os atalhos construídos pelos trabalhadores por meio das comissões, indagamos: como o trabalho se efetiva como uma forma de criação? Como, ao trabalhar, o/a trabalhador/a inventa outros modos de existência? Com essa direção enativa, não buscamos conhecer a verdade sobre o trabalho nas escolas, um conhecimento que estaria ao alcance do esforço de um pesquisador “atento e dedicado”, debruçado sobre um mundo já dado ou já constituído. Somos inventados na e pela história, assim como nossos problemas e métodos. Ao renunciar à verdade universalizante e geral sobre os mundos do trabalho, reafirmamos a necessidade de gestar ferramentas, de produzir modos de análise que nos auxiliem a intervir no real.

A aposta na inventividade operada pelo trabalhador, invenção encarnada em experiência concreta nas escolas, indica esse plano de criação característico da experiência de trabalho. Os/as trabalhadores/as não apenas executam um fazer, eles/as o inventam a cada momento, sempre que necessário. Vai-se da dimensão comum coletiva à dimensão singularizadora de um estilo, do aquém ao além da prescrição.

## **2 UM DISPOSITIVO PARA IMPLEMENTAÇÃO DAS COSATES NAS ESCOLAS: O FÓRUM-COSATE**

Como disparador para o processo de instituição das COSATEs nas escolas do município da Serra, foi feito um levantamento das condições de trabalho nas unidades educacionais dessa cidade. Um inquérito de saúde, na linha das pesquisas epidemiológicas, foi usado como ferramenta de mapeamento da situação de trabalho nas unidades. Tal estratégia foi realizada como um momento de leitura mais imediata sobre o quadro de saúde e adoecimento do trabalhador e trabalhadora na rede. Visou-se a trazer um panorama instantâneo de como os educadores/as se percebiam, interpretavam e nomeavam sua condição de saúde e adoecimento.

Composto de 20 questões do tipo sim/não, das quais 4 são sobre sintomas físicos e 16 sobre distúrbios psicoemocionais, o questionário estruturado e autoaplicado levantava variáveis sociodemográficas e condições da saúde mental.

O dispositivo-inquérito criado configurou-se como importante ferramenta para uma primeira aproximação dos trabalhadores e trabalhadoras do município com os pesquisadores da UFES. Esperava-se que a estratégia fosse um disparador do processo de pesquisa participativa que perspectivava a implantação das COSATEs nas escolas. E assim foi.

O resultado foi o fomento de um fórum – rodas de conversa – que se nomeou Fórum-Cosate e se constituiu a partir da pluralidade e sinergia de atores que o compunham e do debate entre os saberes acadêmicos e os saberes da experiência dos/as educadores/as. Fórum-Cosate é uma experiência em gestação que envolve trabalhadores/as da educação vinculados às escolas de ensino fundamental, centros municipais de educação infantil, ao Centro de Formação de Professores, Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública, Centro de Referência em Saúde do Trabalhador, Ministério Público Estadual, controle social, como o Conselho Municipal de Educação, estudantes e pesquisadores da universidade.

Buscava-se exercitar a coprodução da autonomia, a cogestão e a polissemia das participações e desordenar os lugares dos diferentes atores que participavam das rodas de conversa. O fórum se constituiu como um espaço de intervenção no trabalho da escola, afirmando o caráter coletivo dos problemas e recusando as culpabilizações e individualizações associadas ao mal-estar do/a trabalhador/a da educação. Conforme indicamos, perseguia-se uma mudança: que o trabalhador saísse de uma posição segundo a qual o trabalho é seu e, então, passasse a considerá-lo como “nosso”. Um deslocamento que se opera no sentido de uma passagem da primeira pessoa do singular, em que o trabalhador considera o trabalho como seu, para a primeira pessoa do plural. No entanto, trata-se não somente de uma mudança de ponto de vista da primeira pessoa do singular para a primeira do plural, mas, sobretudo, de uma abertura permitida pelo método que viabilizou pensar o próprio trabalho de forma a fazer vir à tona a experiência do trabalho como plano comum coletivo, não redutível aos discursos do gerenciamento na lógica do capital, o nomeado “trabalho em equipe”.

Por meio do aquecimento de novas redes, foi possível produzir uma inflexão no modo como se operava a comunicação entre equipamentos educacionais e políticas públicas territoriais, governamentais, criando condições jurídico-burocráticas e materializando um caminho efetivo de implantação das COSATEs nas escolas.

Como proposta de pesquisa, interessava-nos primordialmente o movimento que extrapola alteração nas formas de organização *stricto sensu*. Perseguimos uma *política* que não se reduz à aprovação de uma lei que pudesse regulamentar a fundação das COSATEs nas unidades de ensino, o que não significa desconsiderar a relevância de uma lei que institucionalize o funcionamento dessas comissões, já aprovadas na Câmara Municipal da cidade da Serra. No entanto, mesmo entendendo tal relevância, objetivávamos, principalmente, a produção do conhecimento em meio ao vivido nas experimentações que deixam o trabalho e os trabalhadores e trabalhadoras mais fortes nas construções cotidianas feitas na polifonia, na diversidade e na controvérsia, que são ingredientes indispensáveis para a produção do comum.

Assim, o fórum – que se efetivava por meio de rodas de conversas com periodicidade mensal –, a audiência na Assembleia Legislativa e as reuniões com o Executivo municipal fomentavam administrativamente as comissões e, desta forma, seria possível cartografar as potências e impasses da experimentação na saúde do trabalhador da educação, analisando processos para traçar caminhos na luta pela promoção de saúde, o que mobilizava cursos temáticos, seminários sobre a saúde do trabalhador e a elaboração de material didático específico nesta temática (BARROS, BRITO e MUNIZ, 2018).

Foi dessa forma que, em meio às discussões da tessitura do projeto de lei das COSATEs no Fórum, a ideia de uma experiência capilarizada nas escolas, como experiência-piloto, foi ganhando força, e os debates foram possibilitando a desnaturalização do que é o trabalho do/a educador/a.

A metodologia da formação dos/as trabalhadores/as para a implantação das COSATEs nas unidades escolares teve como norte as indicações de Odonne e colaboradores (1981), como indicamos. Tal estratégia parte do pressuposto de que não podemos separar o trabalho em situação concreta dos debates conceituais que se faz em momentos de encontros presenciais entre pesquisadores da academia e aqueles que desenvolvem o trabalho nas escolas, uma vez que o conceito é catalisador da experiência. A

apropriação de ferramentas conceituais pelos/as educadores/as, articulada ao que se passa no chão das escolas quando se opera com tais ferramentas, produziria um processo de aprendizagem inventiva.<sup>3</sup>

Na experiência-piloto de implantação das COSATEs nas escolas, que se deu em forma de uma pesquisa-intervenção em duas escolas, aparecia insistentemente um enunciado que indicava uma sensação de impotência, de que nada há para se fazer, e uma responsabilização individual pelo “mal-estar” vivido. Tal discurso foi sendo modulado ao longo do processo: de um foco puramente organicista e individualizador sobre o adoecimento para considerações que consideravam as políticas públicas como vetores indispensáveis para transformar o quadro de nocividade identificado. No curso dos debates nessa experiência-piloto, algumas ações nessas duas escolas foram sendo engendradas para, então, construir vias de ação que pudessem reger os processos de trabalho tendo as comissões como estratégia privilegiada.

Nos movimentos de formação dessas primeiras comissões, foram elaborados planos de ação locais para ampliar o fluxo comunicativo nas escolas, empreendendo ações com o coletivo dos trabalhadores, criando instrumentos e produzindo diagnóstico sobre os fatores que geram adoecimento e também sobre aqueles que contribuem para a produção de saúde no ambiente de trabalho. Os encontros do fórum, articulados com a experiência-piloto, serviram como momento de partilha, de troca e deram visibilidade aos modos singulares como o Fórum e as COSATEs piloto poderiam produzir pistas para a implantação das comissões nas demais escolas do município.

### **3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Varela (1991) nos inspira ao dizer que a noção de representação, que parte do princípio de que um mundo predefinido pode ser representado, não deve hoje ocupar um lugar de destaque nas pesquisas. Seguindo o autor, arriscaríamos dizer que é preciso abandonar nossa tradição ocidental que privilegiou a ideia de que o conhecimento é um espelho da natureza.

---

<sup>3</sup> Sobre esse conceito, ver Kastrup (2001).

Na pesquisa desenvolvida pelo grupo de pesquisadores do NEPESP, essa ideia proposta pelo biólogo prevaleceu. Privilegiamos a investigação da experiência do trabalho docente em sua potência ontogenética de forma a indagar um pensamento pautado no modelo da representação. Apostamos no caráter enativo dos processos de pesquisa-intervenção, destacando suas dimensões de autonomia e de interdependência entre o agir e o perceber (VARELA, 1989).

Assim, os tensionamentos tiveram destaque. As controvérsias afirmam a vida nas suas diferentes dimensões. Os desabafos de docentes, os registros dos encontros nos equipamentos escolares, os debates no Fórum-Cosate para a implantação das COSATEs, com destaque para o plano da experiência, naquilo que afeta o vivido, foram indicadores da ampliação da noção de saúde dos/as trabalhadores/as e da potência dos coletivos de análise quando se busca transformar para conhecer.

Ao longo de nossa experiência com trabalhadores/as dessa rede municipal de ensino, foi possível avaliar a força de pesquisas como esta, que se baseiam nos dispositivos das rodas de conversa para construção de ferramentas conceituais e metodológicas para a análise do trabalho docente.

A pesquisa indicou, assim, que a implantação de dispositivos como as COSATEs pode ativar um processo de luta por melhores condições de trabalho e, principalmente, fortalecer a construção de um ofício por meio de uma estratégia coletiva de análise do trabalho. O caráter enativo da metodologia utilizada viabilizou a produção de um plano comum entre os trabalhadores de educação da Serra.

Como já afirmamos em outro momento, a pesquisa

significou assumir que o pesquisador é interpelado a forjar um modo atencional sobre o processo da pesquisa, sobre o curso dos acontecimentos em um campo, não somente para agrupá-los e descrevê-los em uma história continuísta de constatação de mazelas e aberrações. Nos afiançamos ativando o *tempo da transmissibilidade de uma sabedoria sobre o vivido no trabalho*, que deve distar do discurso vendido, massificado, pasteurizado e reprodutor daquele tempo do culto e da dívida, certamente, um dos elementos mais assoladores da cultura política nacional na contemporaneidade (BARROS, BRITO e MUNIZ, 2018, P. 21).

## REFERÊNCIAS

BARROS, M. E. B. & LOUZADA, A. P. F. Afirmando a potência de cirandar: cartografia dos processos de produção de saúde na docência. In M. E. B. Barros, R. S. Carvalho, & S. Ferigato. **Conexões: saúde coletiva e políticas da subjetividade** (pp. 201-219). São Paulo: Hucitec, 2009.

BARROS, M. E. B., PASSOS, E., & EIRADO, A. Psicologia e trabalho docente: intercessões com a clínica da atividade. **Psicol. Soc.**, 26, pp. 150-160, 2014.

BARROS, M. E. B., BRITO, J. M., & MUNIZ, H. P. **A saúde do trabalhador da educação: a experiência de constituição de Cosates como dispositivo de intervenção numa rede municipal de ensino**. São Paulo: Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho (Em fase de submissão), 2018.

BOTECHIA, F., & ATHAYDE, M. Conversas sobre o trabalho sob o ponto de vista da atividade. In M. E. B. Barros, & L. Margoto, **Trabalho e saúde do professor** (pp. 43-78). Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BRITO, J., & ATHAYDE, M. Trabalho, educação e saúde: o ponto de vista enigmático da atividade. **Trab. Educ. Saúde**, v. 1, n. 2, pp. 63-89, 2003.

CLOT, Y. **Travail et pouvoir d'agir**. Paris: PUF, 2008.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. Recuperado de <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const>, 1988.

EIRADO, A., & PASSOS, E. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In E. PASSOS, V. KASTRUP & L. ESCÓSSIA (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** (pp. 109-130). Porto Alegre: Sulina, 2009.

GUATTARI, F. **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2004.

KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em Estudo**, v. 6, n. 1, pp. 17-27, 2001.

LAZZAROTTO, G. D. R. Experimentar. In T. M. G. FONSESCA, M. L. NASCIMENTO, & C. MARASCHIN (Org.), **Pesquisar na diferença: um abecedário** (pp. 99-101). Porto Alegre: Sulina, 2012.

MUNIZ, H. P., BRITO, J., SOUZA K. R., ATHAYDE, M., & LACOMBLEZ, M. H. Ivar Oddone e sua contribuição para o campo da saúde do trabalhador no Brasil. *Rev. Bras. Saúde Ocupacional*, v. 38, n. 128, pp. 280-291, 2013.

ODDONE, I., Re, A., & BRIANTE, G. **Redécouvrir l'expérience ouvrière: vers une autre psychologie du travail?**. Paris: Messidor/Éditions Sociales, 1981.

SCHWARTZ, Y. Travail et gestion: niveaux, critères, instances. **Revue Performances Humaines et Technique**, (n. hors-série), pp. 10-20, 2003.

VARELA, F. **Connaître: les sciences cognitives, tendances et perspectives**. Paris: Seuil, 1989.

VARELA, F. O círculo criativo: esboço histórico-natural da reflexividade. In P. Watzlawick, **A realidade inventada** (pp. 302-316). Campinas, SP: Psy II, 1994.

VARELA, F. **Conhecer: as ciências cognitivas tendências e perspectivas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.